

CURSOS DE ARQUEOLOGIA NAS REGIÕES NORDESTE E SUDESTE DO BRASIL E SEU VIÉS SOCIAL E MATERIAL

Gabriela Monteiro

Mestranda em Arqueologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE. Brasil.

E-mail: gabrieladeandrademonteiro@gmail.com

<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-1409-7099>

RESUMO

A Arqueologia brasileira vem passando, nos últimos anos, por uma nova fase em todos os seus campos: teóricos, metodológicos, temáticos e normativos. Nesta nova caminhada está sendo colocada, persistentemente, em pauta a importância de uma efetiva inclusão das sociedades atuais nas pesquisas, em oposição a um caráter mais tecnicista que sempre prevaleceu nesta ciência. À vista disso, será apresentado o contraste entre essas Arqueologias Materiais e da Sociedade, tendo como plano de fundo uma série de dados, obtidos em plataformas digitais, sobre os cursos de Arqueologia das universidades e faculdades do Nordeste e Sudeste – regiões nas quais estão situados os cursos mais antigos do país. A partir desses dados, pôde-se confirmar que alguns cursos estão assumindo um viés mais social em contraponto a sua origem histórica, em razão de uma demanda, sobretudo, dos alunos de graduação e das novas abordagens que vêm surgindo em todas as ciências humanas. Contudo, o viés material continua sendo predominante. Com isso, este trabalho pretende traçar os perfis dos cursos de Arqueologia dessas duas regiões do país, de forma a contribuir para uma reflexão crítica sobre o ensino da Arqueologia no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias Arqueológicas; Brasil; Sociedade; Cultura Material; Ensino de Arqueologia.

Artigo recebido em: 05/07/2021

Artigo aceito em: 29/10/2021



ABSTRACT

Brazilian Archeology has been going through a new phase in all its fields in the last years: theoretical, methodological, thematic and normative. In this new journey, the importance of an effective inclusion of current societies in research is being persistently put on the agenda, as opposed to a more technical character that has always prevailed in this science. In view of this, the contrast between these Material and Society Archaeologies will be presented, against the background of a series of data, obtained on digital platforms, on the Archeology courses of universities and colleges in the Northeast and Southeast - regions in which they are located the oldest courses in the country. From these data, it could be confirmed that some courses are assuming a more social bias in contrast to their historical origin, due to a demand, above all, from undergraduate students and the new approaches that have been emerging in all human sciences. However, the material bias remains predominant. Thus, this work intends to outline the profiles of Archeology courses in these two regions of the country, in order to contribute to a critical reflection on the teaching of Archeology in Brazil.

KEYWORDS: Archaeological Theories; Brazil; Society; Material Culture; Teaching of Archeology.

RESUMEN

La arqueología brasileña ha atravesado una nueva etapa en todos sus campos en los últimos años: teórico, metodológico, temático y normativo. En este nuevo recorrido, se insiste en poner en la agenda la importancia de una efectiva inclusión de las sociedades actuales en la investigación, frente a un carácter más tecnicista que siempre ha prevalecido en esta ciencia. Ante esto, se presentará el contraste entre estas Arqueologías Material y Sociedad, en el contexto de una serie de datos, obtenidos en plataformas digitales, sobre cursos de Arqueología en universidades y colegios del Noreste y Sudeste, regiones en las que se ubican los campos más antiguos del país. A partir de estos datos, se podría constatar que algunos cursos están asumiendo un sesgo más social en contraste con su origen histórico, debido a una demanda, sobre todo, de los estudiantes de pregrado y los nuevos enfoques que han ido surgiendo en todas las ciencias humanas. Sin embargo, el sesgo material sigue siendo predominante. Así, este trabajo pretende esbozar los perfiles de los cursos de Arqueología en estas dos regiones del país, con el fin de contribuir a una reflexión crítica sobre la enseñanza de la Arqueología en Brasil.

PALABRAS CLAVE: Teorías arqueológicas; Brasil; Sociedad; Cultura material; Enseñanza de la arqueología.



INTRODUÇÃO

A Arqueologia é um campo do conhecimento e uma profissão que vem expandindo as suas áreas de atuação nos últimos anos no Brasil, sobretudo nas universidades e faculdades, com a abertura de cursos de graduação e pós-graduação (lato e stricto sensu) em todas as regiões do país. No mercado de trabalho também é possível perceber essa expansão, pois novas empresas de Arqueologia Preventiva¹ estão surgindo em decorrência, possivelmente, da publicação da Lei nº 13.653, de 18 de abril de 2018, que regulamenta a profissão de arqueólogo².

Desse modo, já é possível verificar que a ampliação dos campos de atuação desta ciência está contribuindo para diversificar as suas linhas de pesquisa, temáticas, subáreas e abordagens, tendo em vista que há um maior número de pesquisadores inseridos nesse universo, com novas perspectivas para essa área do conhecimento. Assim como acontece nas demais ciências, os contextos e experiências de vida de cada pesquisador são refletidos em suas pesquisas, e isso costuma ocorrer de forma coletiva e cíclica.

Para exemplificar o que foi dito acima e ao mesmo tempo introduzir o objeto de estudo deste trabalho serão feitas algumas observações. Tem se percebido nos últimos anos na América Latina o uso de perspectivas decoloniais³ nas pesquisas como uma forma de criticar o pensamento colonialista arraigado em todos os campos do saber. Concomitantemente, a Arqueologia brasileira vem salientando nos últimos debates científicos a importância da inserção da sociedade nas pesquisas arqueológicas, o que não era um assunto tão frequentemente debatido há poucos anos, pois o caráter materialista desta ciência predominava.

Nesta pesquisa, portanto, utilizou-se o termo Arqueologias Materiais ou tradicionais para aludir a todas as subáreas, temáticas e objetos de pesquisa que não envolvem diretamente as populações atuais, mas que se concentram exclusivamente no cerne desta ciência, que é o estudo sobre a cultura material propriamente dito, sendo este de ordem Histórico-cultural, Processual ou Pós-processual.

¹ A Arqueologia Preventiva ou Arqueologia de Contrato é um ramo da Arqueologia ligado ao Licenciamento Ambiental e relativo aos trabalhos arqueológicos vinculados às empresas de Arqueologia, Engenharia, Arquitetura e Meio Ambiente, seguindo as normativas estabelecidas pela legislação brasileira no que concerne à preservação do patrimônio arqueológico, cujos produtos são, sobretudo, relatórios técnicos em cumprimento às exigências legais (MONTEIRO, 2020).

² A partir dessa Lei se estabeleceu quem poderia atuar como arqueólogo no Brasil, o que foi um grande avanço para a profissão, bem como para a valorização dos cursos de bacharel em Arqueologia que existem no país (BRASIL, 2018)

³ O pensamento decolonial é oriundo de um movimento de resistência e ruptura epistemológica às práticas e teorias coloniais, ocidentais, modernas e eurocêntricas. Surgiu inicialmente nas Américas, mas abrange o mundo todo, assim como diversas ciências e campos do conhecimento, sendo multifacetado; e integra movimentos sociais, como os afro e indígenas (SANTOS, 2018). Desse modo, pesquisadores, áreas do conhecimento e linhas de pesquisa podem ter ou seguir um viés decolonial.



Em contraponto, vem se tornando mais evidente nos últimos anos – fato percebido nos simpósios dos congressos de Arqueologia no país – uma Arqueologia com viés social, que se denominou aqui como Arqueologias da Sociedade: a Arqueologia ligada ao público, às comunidades tradicionais e que ultrapassa as barreiras do academicismo. O conceito de viés social aqui utilizado se refere à todas as formas de inclusão de sociedades vivas nas pesquisas, desde as que surgem com esse objetivo até aquelas que o executam, mas com o foco maior na materialidade, o que se considerou como de maior e de menor propensão social, respectivamente.

É nesse contexto que surge a proposta deste artigo, que é apresentar um contraste entre as abordagens arqueológicas relativas às sociedades atuais e as demais abordagens – Arqueologias da Sociedade e Arqueologias Materiais, respectivamente – nas universidades e faculdades do Nordeste e Sudeste do país, regiões pioneiras na Arqueologia acadêmica. Desse modo, conseguimos identificar os perfis dos cursos de Arqueologia dessas duas regiões e, assim, contribuir para uma avaliação crítica sobre o ensino de Arqueologia.

Para isso, foram coletados os seguintes dados sobre todos os cursos e habilitações em Arqueologia do país nos sites, repositórios e plataformas digitais: nome do curso; centro e departamento no qual ele está vinculado; ano de fundação; área de concentração; nome e perfil dos professores; grade curricular; e publicações acadêmicas de graduação, mestrado, doutorado e especialização, com o devido título, temática predominante e ano da publicação – foram consideradas todas as publicações disponíveis nos sites, desde o início dos cursos até o ano de 2020, quando a coleta de dados da pesquisa se encerrou⁴.

ARQUEOLOGIAS DA SOCIEDADE E ARQUEOLOGIAS MATERIAIS

A Arqueologia apresenta, como a maioria das ciências, correntes teóricas que são costumeiramente tratadas em uma linha evolutiva. À vista disso, a mais clássica divisão teórica da arqueologia estabelecida a partir de Trigger (2004) e difundida na Arqueologia brasileira através de conteúdos programáticos nos cursos de graduação e pós-graduação se dá da seguinte forma: Arqueologia Histórico-Cultural, Processual e Pós-Processual.

Resumidamente, a primeira corrente teórica, segundo Trigger (2004) é de cunho historicista, difusionista e evolucionista, a segunda é sistêmica, etnográfica e funcionalista (MARTÍNEZ, 1989),

⁴ Vale salientar que parte desses dados foi coletada durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Arqueologia da presente autora, defendido em 2020 pela Universidade Federal de Pernambuco (MONTEIRO, 2020).



e a última é historicista, subjetiva e social (FUNARI, 2003), todas influenciadas pelas correntes antropológicas.

Mais recentemente se percebeu outra divisão do fazer arqueológico, a qual será o objeto de discussão deste trabalho, que diz respeito a uma Arqueologia que se utiliza de um viés e de uma abordagem social, com conceitos antropológicos e a outra que é de linha mais tradicional, mas que também pode contribuir para a sociedade à sua maneira:

Nos estudos sobre o período pré-colonial mais recuado, por exemplo, quando não há uma identificação dos grupos indígenas atuais com aqueles vestígios dos primeiros humanos que habitaram as suas terras, se torna mais complexo o uso das Arqueologias da Sociedade, sendo as Arqueologias Materiais mais viáveis. Contudo, uma solução que pode ser tomada em situações como esta é a Extroversão Patrimonial, que possibilita uma aproximação com esse passado muito distante das nossas vivências. (MONTEIRO, 2020, p. 69).

Os pesquisadores vinculados às Arqueologias Materiais, na maioria das vezes, são pessoas que empregam as linhas de pesquisa tradicionais que foram e são a base dos estudos arqueológicos no Brasil e em boa parte do mundo. Dessa forma, esses arqueólogos não veem motivos para seguir outra corrente arqueológica, pois, para eles, todas as formas de realizar a Arqueologia são encontradas nessas Arqueologias Materiais, e acreditam não ser possível uma Arqueologia de ordem social, pois são áreas distintas (Sociologia/Antropologia), com objetivos e formas de agir distintos.

Nota-se que a Arqueologia brasileira apresenta, em um sentido geral, um viés tecnicista e colonialista oriundo da sua formação enquanto ciência. Barreto (1999) afirma que essa condição foi consequência do contexto histórico de construção desta disciplina, que terminou por afastá-la das demais ciências sociais:

Como do lado brasileiro os centros acadêmicos não surgem dentro de um projeto ou tradição teórica específicos, mas sim de uma preocupação em resgatar e preservar, sem necessariamente interpretar, o convite a especialistas estrangeiros e o entusiasmo em absorver um novo saber residia essencialmente nas áreas mais técnicas da arqueologia, sobretudo métodos de escavação, classificação, datação e documentação. Estes, porém não poderiam ser aplicados ao contexto brasileiro de forma teoricamente neutra e estavam necessariamente imbuídos das tradições teóricas de suas matrizes de origem. (BARRETO, 1999, p. 207).

Consoante ao exposto, Tania Andrade Lima também explica em seu artigo a origem desse caráter tecnicista da Arqueologia:

Maior que a de outros campos do conhecimento que também utilizam a cultura material como dado, essa forte identificação tem suas raízes, certamente, no fato



de que, por não poder contar mais com os atores sociais em cena, ela constitui a fonte primária da Arqueologia para o acesso ao passado da humanidade, quando não a única, como ocorre na arqueologia pré-histórica. Por essa razão, mais que as demais, a disciplina teve forçosamente que se aparelhar – teórica, metodológica e tecnicamente – para lidar em maior profundidade com os aspectos concretos, tangíveis, da produção humana. (LIMA, 2011, p.12).

Apesar de ainda haver essa dicotomia, vale ressaltar que as abordagens tradicionais e sociais podem ser discutidas em diferentes temáticas dentro da Arqueologia. Temáticas relativas aos Registros Rupestres, Arqueologia da Paisagem, Arqueologia Subaquática, Práticas Funerárias, entre outras podem seguir diferentes vieses ideológicos e conceituais a depender da abordagem escolhida.

Além disso, podem haver diversas formas de se estudar sociedades atuais na disciplina arqueológica, algumas mais críticas e políticas do que outras, e com o arcabouço teórico-metodológico de ciências distintas, não apenas sociais, mas até naturais, como a Etnobiologia.

Assim, o método aplicado neste trabalho possui certa semelhança com o da tese de Reis (2004). O objetivo principal de sua tese foi a elucidação e afirmação da importância das teorias arqueológicas brasileiras em contraste ao caráter empírico que muitas vezes predomina nas pesquisas. Para tal, o autor também levantou dados sobre os cursos de Arqueologia do país, mas examinando um outro universo de dados e com objetivos distintos.

Uma proposta também similar e que inclusive analisa dados semelhantes foi realizada em um trabalho publicado na Revista de Arqueologia da SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira). Nesse trabalho se discute, sobretudo, o destino profissional dos arqueólogos formados nos primeiros cursos de graduação em Arqueologia do país, dentre os quais o da Unesa (Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro) que funcionou desde 1975 até os anos 2000 (BEZERRA, 2008).

O artigo de Márcia Bezerra (2008) também corrobora com a justificativa desta pesquisa, por observar a escassez de publicações referentes ao ensino da Arqueologia nas universidades e faculdades do país, assunto mais frequentemente debatido em eventos científicos, o que é uma conjuntura ainda atual, pois são nos eventos de Arqueologia em que surgem as discussões sobre o próprio fazer arqueológico, em decorrência da reunião de pessoas de diferentes regiões do país e do mundo e com formações muito variadas.

Em um trabalho mais recente, que une vários arqueólogos de diferentes estados, e que foi publicado em uma edição especial da revista *Habitus*, de Goiás, sobre a profissionalização da Arqueologia, é apresentado um projeto de censo demográfico dos arqueólogos e arqueólogas brasileiros, e também mostra as principais abordagens arqueológicas que estão sendo praticadas no país (GASPAR et al, 2020). Isso mostra o quão pertinente e atual é essa discussão autorreflexiva.



Para esta pesquisa, a coleta dos dados foi realizada, principalmente, através dos sites das próprias universidades e faculdades, repositórios digitais e da Plataforma Sucupira da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Fundação responsável pela consolidação da pós-graduação stricto sensu). Contudo, também foi preciso entrar em contato pelo e-mail de algumas instituições quando nem todas as informações sobre o curso encontravam-se disponíveis em seus sites. Além disso, algumas instituições não continham as publicações de final de curso ou disponibilizaram somente uma parcela do total nas plataformas digitais, de forma que não foi possível ter acesso ao universo completo de dados.

Na etapa de coleta das publicações foi realizada uma leitura objetiva dos títulos dos trabalhos, e, quando necessário, das palavras-chaves e do resumo (se disponíveis nos sites), com o intuito de identificar qual a temática que alicerçou a pesquisa (Arqueologia Histórica, Zooarqueologia ou Museologia, por exemplo), para inserir esse dado no banco de dados do *software Microsoft Office Excel*, de onde foram obtidos os gráficos que propiciaram a visualização dos resultados. O mesmo foi feito na coleta e análise dos dados das grades curriculares, das quais foram lidos os títulos das ementas, em razão do extenso volume de informações de todas as 16 instituições.

Em muitas produções arqueológicas já é possível apontar qual a temática pelo título, mas em algumas ela é ofuscada. Houve, portanto, uma certa dificuldade em estabelecer uma temática principal, tendo em vista que muitos trabalhos de Arqueologia costumam utilizar mais de uma fundamentação teórica em razão de sua natureza interdisciplinar e multidisciplinar. Em razão disso, foi necessária uma identificação mais cuidadosa, observando qual a linha de pesquisa que foi mais utilizada nos trabalhos (através da ferramenta de pesquisa no texto), para que fosse possível delimitar somente uma temática por trabalho e gerar resultados absolutos.

Além disso, o nome da temática costuma variar entre trabalhos e instituições (ex.: Registro, Arte ou Grafismo Rupestre; Zooarqueologia ou Arqueozologia), mas apenas uma nomenclatura foi adotada, a mais usual nos trabalhos, para que fosse possível padronizar as informações e não gerar um volume ainda maior de temáticas.

Para a análise do corpo docente, foram considerados todos os docentes que constavam nos sites das universidades, excetuando-se os substitutos, pois esses exercem um cargo temporário, o que prejudicaria as análises aqui propostas, que buscam resultados definitivos. Nesse sentido, também deve ser levado em consideração a desatualização dos sites e alguma possível atualização após a conclusão da coleta de dados – o que deve ser ponderado em todas as variáveis analisadas.



Por fim, observa-se a importância de entender o processo de construção dos cursos e das instituições de ensino superior, o que necessitaria de uma pesquisa mais aprofundada, com fontes mais completas, tendo em vista a carência de informações disponíveis nos sites.

Apesar desses obstáculos e dificuldades em se trabalhar com dados qualitativos de forma quantitativa, foi possível reunir um volume considerável de informações, formando uma extensa base de dados, e, propiciando reflexões e constatações sobre o ensino da Arqueologia.

RESULTADOS

3.1. A UFPE

O Programa de Pós-Graduação em Arqueologia com mestrado e doutorado da Universidade Federal de Pernambuco, campus Recife, foi criado em 2002 em parceria com a Fundham (Fundação Museu do Homem Americano), tendo como área de concentração Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural no Nordeste, foi o único Programa da região até o ano de 2010, quando a UFS lança o seu mestrado e doutorado em Arqueologia. A graduação foi criada nesta universidade em 2009, contendo as áreas de Arqueologia, Conservação do Patrimônio, Restauração e Arqueometria (UFPE, 2020).

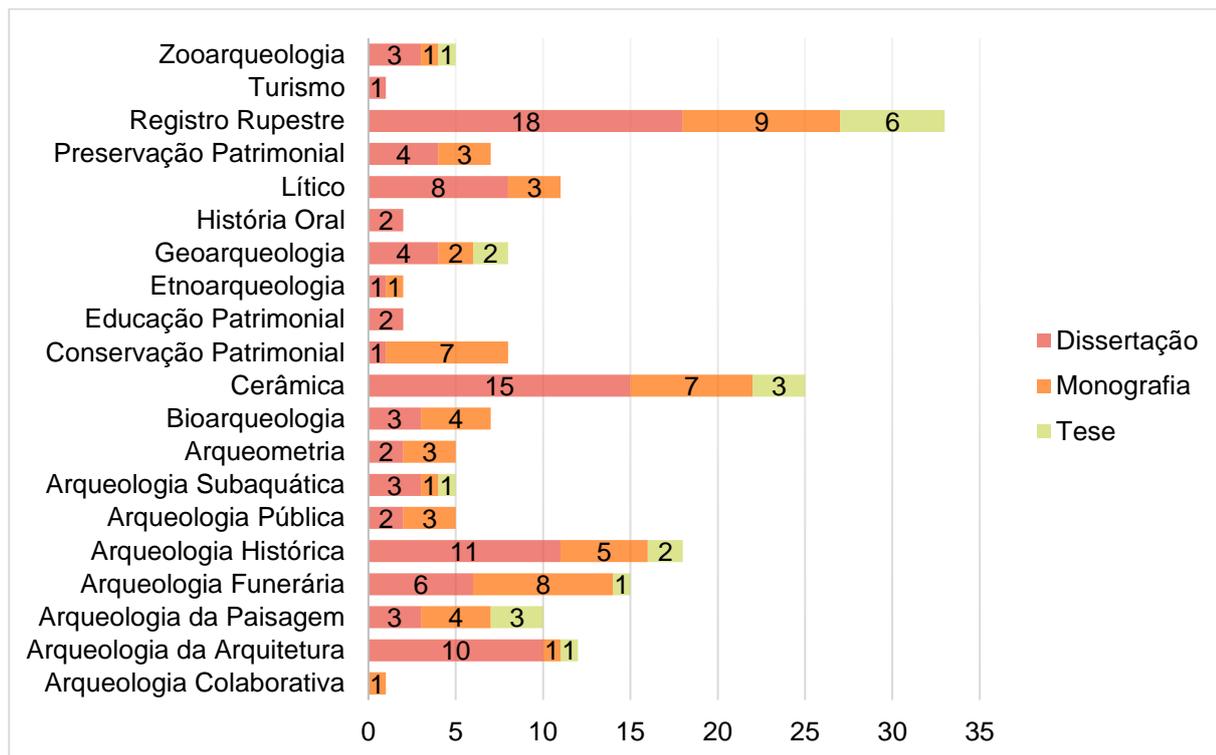
Por meio da coleta de dados se percebeu que não há um viés social no perfil do curso, contudo na grade curricular da graduação constam algumas disciplinas que se classificam como Arqueologias da Sociedade. Como eletivas: História Indígena (inserida também na grade da pós-graduação); Aspectos Legais da Educação Patrimonial; Arqueologia e Turismo; Preservação do Patrimônio – Arqueoturismo Subaquático; Arqueologia Pública; e Etnoarqueologia; e como obrigatórias: Arqueologia e Etnohistória; Teorias Socioculturais; e Educação Patrimonial. Na pós-graduação há também a eletiva Tópico Especial de Antropologia.

Com relação ao perfil curricular dos professores, se percebeu que a maioria (dez de 14) se formou e permaneceu na UFPE, enquanto os demais se formaram em sua maioria na USP e em universidades internacionais. Em razão disso, as suas linhas de pesquisa condizem com a origem do curso, desde a vinculação primeiramente ao Departamento de História até a fundação do Departamento Arqueologia no Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Além disso, dos 13 docentes, seis possuem pesquisas em temáticas das Arqueologias da Sociedade, as quais são: Arqueologia e Etnicidade; Arqueologia e Etnohistória; Arqueologia Pública; Turismo; e Educação Patrimonial.



Alguns poucos trabalhos acadêmicos foram publicados com temáticas referentes às Arqueologias da Sociedade. Foram encontradas 207 publicações no total (sendo 79 monografias, 107 dissertações e 21 teses) e 33 temáticas, das quais apenas 13 se enquadraram como Arqueologias da Sociedade: Arqueologia Pública (cinco); Etnoarqueologia, Educação Patrimonial e História Oral (duas); e Turismo e Arqueologia Colaborativa (uma) (Gráfico 01).

Gráfico 01: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da UFPE de 2005 a 2019.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

Em razão do grande volume de dados foi necessário remover do gráfico acima as temáticas que apareciam somente em um, dois e três trabalhos acadêmicos – excetuando as que fossem vinculadas às Arqueologias da Sociedade –, para que fosse possível apresentar o gráfico acima sem exceder os limites de espaço deste documento. Desse modo, do total de 33 temáticas, 20 foram incluídas no gráfico.

As temáticas Registro Rupestre (33) e cerâmica⁵ (25) são as mais frequentes nos trabalhos acadêmicos de Arqueologia da UFPE, seguidas de Arqueologia Histórica (18), Arqueologia

⁵ Entendemos os estudos sobre as tecnologias da Cerâmica e do Lítico como grandes subáreas temáticas da Arqueologia, tendo em vista as particularidades que os seus estudos propiciam, por essa razão a grafia dessas palavras encontra-se aqui com as iniciais maiúsculas.



Funerária (15) e Arqueologia da Arquitetura (12), o que condiz com o histórico do curso, o perfil dos docentes e a grade curricular.

3.2. A Univasf

O primeiro curso de graduação em Arqueologia em uma instituição pública é o da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), criado em 2004, com sede no município de São Raimundo Nonato – PI, campus Serra da Capivara, e denominado Arqueologia e Preservação Patrimonial. Tem como áreas de concentração Arqueologia Histórica, Pré-histórica e Preservação Patrimonial. Foi um dos primeiros cursos de nível superior a ser ofertado no semiárido nordestino. Lá também estão inseridas as graduações em Ciências da Natureza, Antropologia e a licenciatura em Química (UNIVASF, 2017).

Em meados de 2019 foi aberta a seleção para o programa de pós-graduação em Arqueologia com nível de mestrado da Univasf, cuja área de concentração é Arqueologia e Preservação Patrimonial e as linhas de pesquisa são: Arqueologia, Estudos Empíricos e Transdisciplinares e Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural.

O aspecto social é percebido nessa segunda linha de pesquisa, cujo intuito é apresentar novas abordagens, tais como a Crítica Pós-Colonial, a Arqueologia Pública e Colaborativa e suas interfaces com comunidades contemporâneas, a Musealização da arqueologia, entre outros (UNIVASF, 2019).

Percebe-se, assim, que há um viés social no perfil do curso de mestrado, e em razão de duas disciplinas eletivas: Etnoarqueologia e Arqueologia Pública. Na graduação constam até o momento seis disciplinas com essa tendência: Introdução à Antropologia e História Indígena I e II (obrigatórias); e Tópicos Especiais em Antropologia I e II e em Etnoarqueologia I (eletivas).

Ademais, seis docentes pesquisam nas seguintes áreas das Arqueologias da Sociedade: Etnohistória; Etnologia Indígena; História Indígena; Interação Social; Arqueologia Pública; Educação Patrimonial; Arqueologia e Identidade; e Arqueologia Contemporânea.

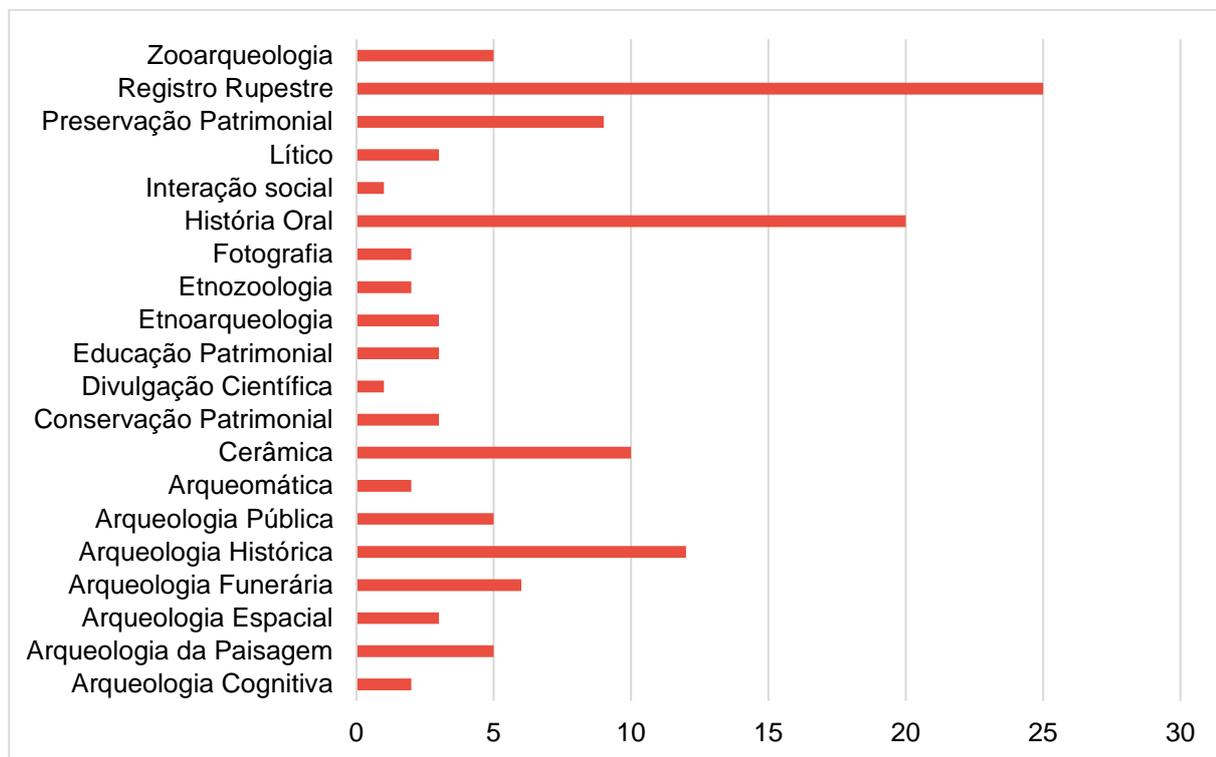
Ainda com relação ao perfil curricular dos professores, se percebe que há uma multidisciplinaridade condizente com a grade curricular e com as áreas de concentração e linhas de



pesquisa dos cursos de graduação e mestrado. Dos 16 docentes do curso, apenas três são formados pela USP, enquanto os demais se formaram no Nordeste, sobretudo na UFPE.

Por fim, foi possível contabilizar através do repositório digital da Univasf 139 monografias de graduação e 37 temáticas (Gráfico 02), das quais 35 são referentes às Arqueologias da Sociedade, são elas: História Oral (20); Arqueologia Pública (cinco); Etnoarqueologia e Educação Patrimonial (três); Etnozoologia (duas); e Interação Social e Divulgação Científica (uma).

Gráfico 02: Temáticas das monografias em Arqueologia da Univasf de 2009 a 2020.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

Em razão do grande quantitativo de temáticas, 37, as que apareceram em somente uma monografia foram excluídas do gráfico, reduzindo o valor para 20. Do total de temáticas, a que visivelmente é mais abordada nas monografias é a de Registro Rupestre (25), seguida da História Oral (20), o que condiz com as áreas de concentração do curso, as pesquisas dos docentes e a procura dos estudantes de graduação pelas temáticas sociais.

As dissertações não puderam ser analisadas na elaboração desta pesquisa, pois a primeira turma ainda não se formou, mas levando em consideração a linha de pesquisa citada acima – que



foca em comunidades vivas –, é provável que o quantitativo de trabalhos com essas temáticas aumente consideravelmente.

3.3. A UFS

No ano de 2007 foi criado o curso de graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e em 2010 a pós-graduação com mestrado e doutorado, ambos localizados no campus de Laranjeiras, e tendo como áreas de concentração Arqueologia pré-histórica, histórica e de ambientes aquáticos. O seu mestrado foi o segundo em Arqueologia da região Nordeste, o quarto do Brasil, além de representar o primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* do interior de Sergipe (UFS, 2019).

Não foi percebido um viés social no perfil dos cursos, contudo alguns professores possuem áreas de pesquisa em temáticas das Arqueologias da Sociedade. Isso se justifica pelo fato da maioria dos docentes ter formação na USP, universidade cuja pós-graduação com mestrado e doutorado é a mais antiga do país, de 1972, vinculada ao Museu de Arqueologia e Etnologia, e que tem como duas das três áreas de concentração Arqueologia e Identidade e Arqueologia e Sociedade.

Além da USP, há professores que se formaram em outras universidades do Sul e Sudeste do país, bem como em outros países, sendo apenas dois dos 12 docentes formados no Nordeste, especificamente, na Universidade Católica de Pernambuco (que não possui o curso de Arqueologia, mas um Museu vinculado ao curso de História).

Do total de professores, quatro possuem como linhas de pesquisa algumas das Arqueologias da Sociedade: Arqueologia Pública; Educação Patrimonial; Turismo Arqueológico; História Indígena; Arqueologia Indígena; Arqueologia Amazônica; e Identidades Indígenas.

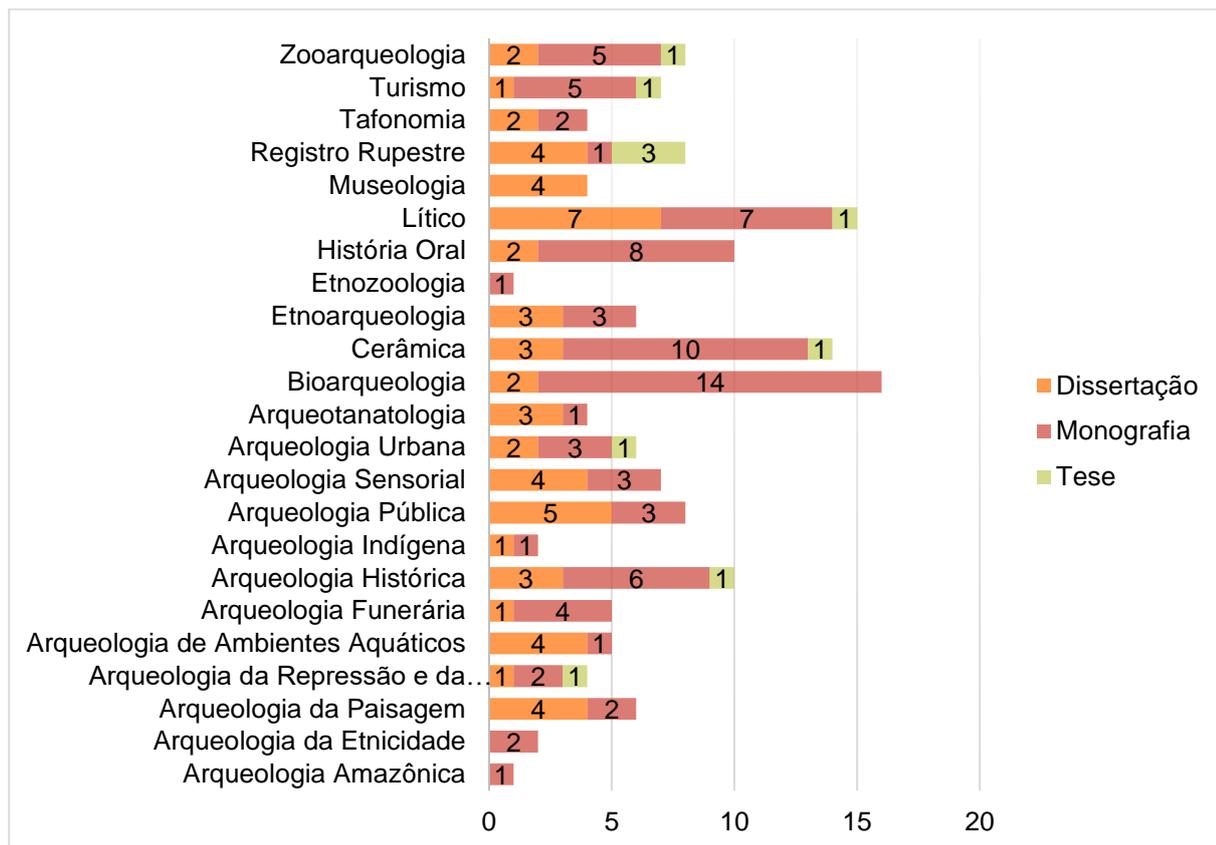
Na análise da grade curricular da graduação foi visto que há duas disciplinas que se enquadram como Arqueologias da Sociedade: Etnografia Brasileira e Antropologia Cultural (obrigatórias); e na da pós-graduação há uma eletiva de Arqueologia Pública.

Foram coletadas 201 publicações (sendo 113 monografias, 71 dissertações e 17 teses) com 50 temáticas, de graduação e pós-graduação, das quais 37 possuem um viés social, são elas: História Oral (dez); Arqueologia Pública (oito); Turismo (sete); Etnoarqueologia (seis); Arqueologia



Indígena e Arqueologia da Etnicidade (duas); e Arqueologia Amazônica e Etnozoologia (uma). Desses 37 trabalhos, 24 são monografias, corroborando com a ideia de que o viés social é uma tendência maior dos estudantes de graduação (Gráfico 03).

Gráfico 03: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da UFS de 2010 a 2020.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

Em razão do elevado quantitativo de temáticas (50), as que apareceram somente uma, duas ou três vezes (todas enquadradas como Arqueologias Materiais) foram excluídas do gráfico para que este apresentasse um tamanho compatível com o espaço disponível neste documento, reduzindo, portanto, o valor para 23 temáticas.

Tendo em vista isso, com base no gráfico acima, as temáticas predominantes nos trabalhos acadêmicos são: Bioarqueologia (16); Lítico (15); Cerâmica (14); Arqueologia Histórica e História Oral (dez); Registro Rupestre, Zooarqueologia e Arqueologia Pública (oito); Turismo e Arqueologia Sensorial (sete); e Arqueologia da Paisagem (seis), Etnoarqueologia e Arqueologia Urbana (seis).



Esses valores demonstram que na UFS predominam as temáticas mais tradicionais, mas também há um quantitativo considerável de temáticas das Arqueologias da Sociedade.

3.4. A UFPI

A graduação da UFPI foi criada em 2008, denominada Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre, e o mestrado em Arqueologia em 2011, ambos vinculados ao Centro de Ciências da Natureza, situado na capital do Piauí, e contendo as seguintes áreas de concentração: Arqueometria, Arqueologia da Paisagem e Paleoambiente, Conservação e Proteção Patrimonial e Cultura Material (UFPI, 2019).

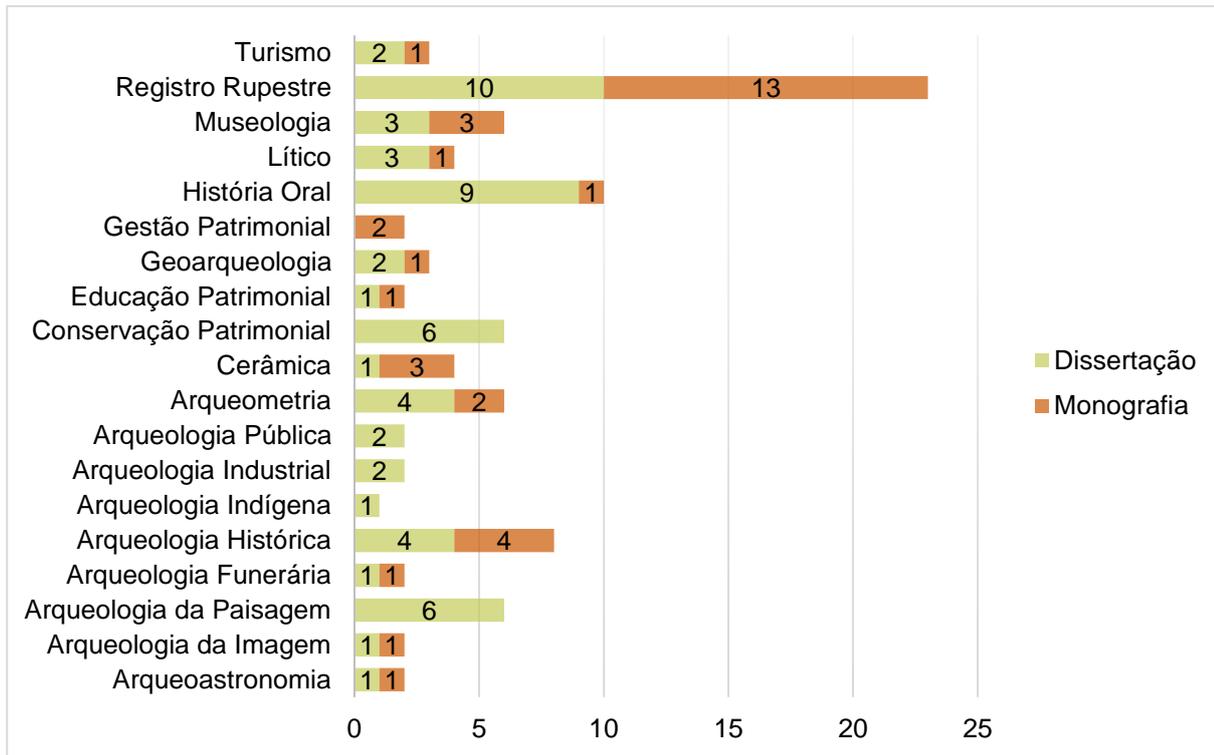
Partindo para a análise dos dados, percebeu-se que não há um viés social no perfil do curso. Na análise do perfil dos docentes, foi verificado que do total de 13, seis possuem formação, sobretudo em universidades internacionais ou fora do Nordeste e os demais se formaram majoritariamente na própria UFPI.

Desse universo de professores, dois (com formações na própria UFPI) têm como áreas de pesquisa as seguintes temáticas das Arqueologias da Sociedade: Etnoarqueologia, Multivocalidade; Turismo Arqueológico; Arqueologia Colaborativa e Educação Diferenciada Indígena; e um (com formação na USP) pesquisa Arqueologia como História de longa duração.

Há sete disciplinas com temáticas das Arqueologias da Sociedade na grade curricular da graduação: Antropologia I e II e História dos Índios no Brasil (obrigatórias); Arqueologia e Turismo; Arqueologia Pública; Etnoarqueologia; e Relações Étnico-raciais, Gênero e Diversidade (eletivas); e quatro eletivas no mestrado – Educação Patrimonial e Turismo Cultural; Arqueologia e Turismo; Antropologia; e Antropologia e Arqueologia.

Foram recolhidas 104 publicações – com 29 temáticas – acadêmicas de graduação (39) e mestrado (65) disponíveis no repositório digital da UFPI, das quais 19 debatem algumas das Arqueologias da Sociedade: História Oral (dez); Turismo (três); Arqueologia Pública e Educação Patrimonial (duas); e Arqueologia Indígena (uma) (Gráfico 04).

Gráfico 04: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da UFPI de 2011 a 2019.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

Em razão do alto número de temáticas utilizadas nas monografias e dissertações (29), dez foram excluídas do gráfico acima (as que apareceram somente uma vez, excetuando-se as Arqueologias da Sociedade).

O gráfico acima mostra que Registro Rupestre (23) é de longe a temática mais abordada nos trabalhos acadêmicos, tanto de graduação quanto de mestrado, seguida de História Oral (dez); Arqueologia Histórica (oito); e Museologia, Conservação Patrimonial, Arqueometria e Arqueologia da Paisagem (seis), o que condiz com as áreas de concentração dos cursos, as disciplinas e as pesquisas dos docentes.

3.5. A UFRN

No Rio Grande do Norte foi criado o primeiro curso de especialização em Arqueologia do Nordeste, vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mas só duas turmas se formaram até o momento, uma em 2014 (UFRN, 2013) e outra em 2017 (UFRN, 2016), e não constam em seu site as informações necessárias para as análises aqui propostas, apenas que um dos seus coordenadores, o que possui formação em Arqueologia, pesquisa em uma das áreas das Arqueologias da Sociedade: “Educação Patrimonial”.



3.6. A Uneb

A Universidade do Estado da Bahia (Uneb) abriu em 2014 o curso de graduação em Arqueologia, o qual está vinculado ao Departamento de Educação. O seu site ainda estava em construção no período em que foi feita esta pesquisa, de forma que não foi possível ter acesso a todas as informações necessárias para as análises propostas por este trabalho, apenas que a sua coordenação é exercida pela professora Dra. Cleonice Vergne, responsável pelas pesquisas arqueológicas na área de Xingó, e cuja formação foi quase toda no Nordeste, tendo passado pela UFPE e pela UFS (UNEB, 2020).

A matriz curricular foi a única informação obtida no site da Uneb. Percebeu-se, então, um viés social no curso de Arqueologia da Uneb, em razão dele estar inserido no Departamento de Educação e conter na grade curricular de disciplinas obrigatórias as de: Introdução à Antropologia; Sociologia; Teoria Antropológica; Leituras Etnográficas; Etnoarqueologia; Botânica e Etnobotânica; e Educação Patrimonial; e como eletivas Arqueologia Pública e Arte, Plumagem e Cestarias Indígenas.

O corpo docente é formado por quatro professores de áreas distintas, como Direito, Administração e História, e somente uma arqueóloga, três deles se formaram no Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Uneb e todos possuem formação na Bahia, mas não há temáticas sociais em seus respectivos campos de atuação até o momento.

3.7. A URCA

Em 2017, a parceria entre o Instituto de Arqueologia do Cariri, a Universidade Regional do Cariri (URCA) e a Fundação Casa Grande deu origem ao curso de especialização lato sensu em Arqueologia Social Inclusiva, sediado na Fundação Casa Grande, que fica no município de Nova Olinda. Essa Fundação é um espaço coletivo e gerido inteiramente por crianças e jovens da comunidade de Nova Olinda, que são os responsáveis pelas ações de preservação e divulgação do patrimônio cultural local (LIMAVERDE, 2015).

Em razão da recente implementação do curso e por não abrir turma todos os anos, há poucos trabalhos finais disponíveis no site da URCA, todos datam de 2018 e do total de 11 (nove temáticas), três remetem às Arqueologias da Sociedade, os quais são: um de Etnoarqueologia e dois de Arqueologia Social.



Com relação ao corpo docente, ele é composto por 16 professores, dos quais oito estudam e/ou ensinam temáticas das Arqueologias da Sociedade: “Educação Patrimonial”; História de Longa Duração; Turismo e Desenvolvimento Sustentável; Arqueologia Pública; Arte-educação; Educação Popular; e Cultura Tradicional Popular. Dos 16 docentes, três possuem formação internacional, nove são ou foram professores da UFPI e/ou formados na mesma, e seis se formaram na própria URCA ou em outras universidades do Ceará.

Na grade curricular existem duas disciplinas obrigatórias vinculadas às Arqueologias da Sociedade, são elas: Introdução à Arqueologia Social Inclusiva e “Gestão Social do Território, Museus orgânicos e Turismo comunitário”.

3.8. A UFRB

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) abriu em 2018 a única pós-graduação em Arqueologia existente no estado, com o curso de mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural, vinculado ao Centro de Artes, Humanidades e Letras, localizado na cidade de Cachoeira – BA, com áreas de concentração em: Arqueologia histórica e pré-colonial e Patrimônio Cultural. Na área de Arqueologia existem duas linhas de pesquisa: Populações, ambientes e culturas e Musealização do patrimônio arqueológico, já a área de concentração em Patrimônio Cultural é composta pelas seguintes linhas: Patrimônio cultural e identidades e Patrimônio Cultural e políticas públicas (UFRB, 2019).

Por ter sido criado recentemente, ainda não há publicações de final de curso disponíveis em seu site, contudo tivemos acesso às demais informações. Sendo assim, foi possível perceber um viés social no perfil do curso pelas linhas de pesquisa da área de Patrimônio Cultural, e em decorrência da grade curricular e do perfil de dois dos cinco docentes do curso da área de Arqueologia, os quais possuem como uma de suas áreas temáticas a Educação Patrimonial. Do total de docentes, dois possuem formação na UFBA e os outros três fora do país ou da região.

Na grade curricular puderam-se verificar duas disciplinas obrigatórias relativas às Arqueologias da Sociedade: Teorias Socioculturais e Patrimônio Cultural; e Metodologias de Pesquisas Socioculturais e Patrimônio Cultural; e quatro eletivas: Patrimônio Cultural e Dinâmicas Sociais; Culturas Populares e Crítica Cultural; Comunidades, Memórias e Cultura Material; e Antropologia das Sociedades Indígenas.



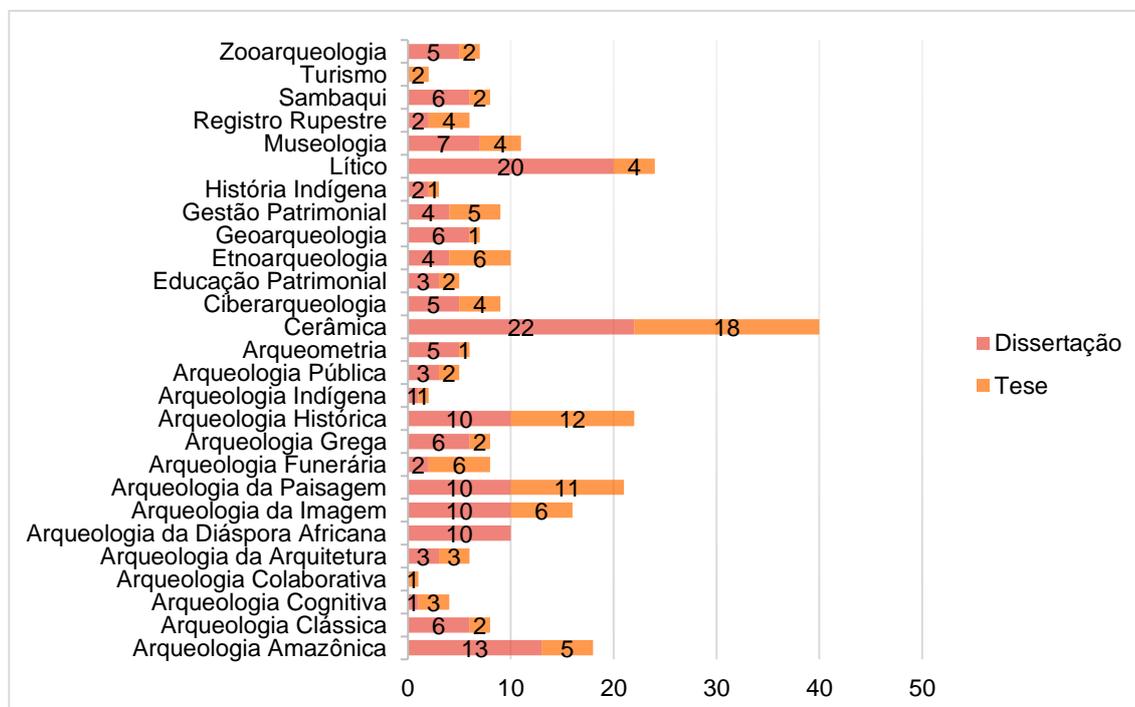
3.9. A USP

Atualmente o curso de Arqueologia mais antigo do país é o da Universidade de São Paulo (USP), de 1972, como comentado anteriormente. Em seu programa de pós-graduação com mestrado e doutorado há três linhas de pesquisa: Arqueologia e Ambiente; Arqueologia e Identidade; e Arqueologia e Sociedade (USP, 2020). Estas duas últimas linhas de pesquisa foram inseridas na classe aqui estipulada de Arqueologias da Sociedade.

O corpo docente é formado por 19 professores, dos quais apenas dois têm formação internacional, enquanto os demais na própria USP. E somente três pesquisam nas seguintes temáticas sociais: Arqueologia Indígena, Etnoarqueologia, Arqueologia Colaborativa, Etnologia Indígena e Arqueologia Pública.

Na grade curricular há três disciplinas classificadas como Arqueologias da Sociedade: “Arqueologia, comunidades e populações tradicionais: temáticas e perspectivas teórico-metodológicas de pesquisa”; “Comunicação museológica – Princípios e aplicações em exposição e educação patrimonial”; e “Pesquisa de recepção de público de museu, educação patrimonial, divulgação científica e extensão universitária”.

Gráfico 05: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da USP de 2004 a 2019.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.



Foi a universidade com o maior número de publicações disponíveis (305), em razão de sua historicidade e da facilidade de acesso aos trabalhos acadêmicos em seu repositório digital. Por apresentar esse grande volume de dados, foi necessário extrair as temáticas que apareciam somente em um, dois ou três trabalhos acadêmicos – excetuando as que fossem vinculadas às Arqueologias da Sociedade –, para que fosse possível apresentar o gráfico acima sem exceder os limites de espaço deste documento. Desse modo, do total de 46 temáticas, 27 foram incluídas no gráfico.

Desse universo de temáticas, as mais abordadas pelos trabalhos acadêmicos foram: Cerâmica (40), Lítico (24), Arqueologia Histórica (22), Arqueologia da Paisagem (21), Arqueologia Amazônica (18) e Arqueologia da Imagem (16). Além da Arqueologia Amazônica, as demais temáticas vinculadas às Arqueologias da Sociedade que apareceram nas teses e dissertações da USP foram Etnoarqueologia (dez), Educação Patrimonial e Arqueologia Pública (cinco), História Indígena (três), Turismo e Arqueologia Indígena (duas) e Arqueologia Colaborativa (uma).

3.10. A Unisa

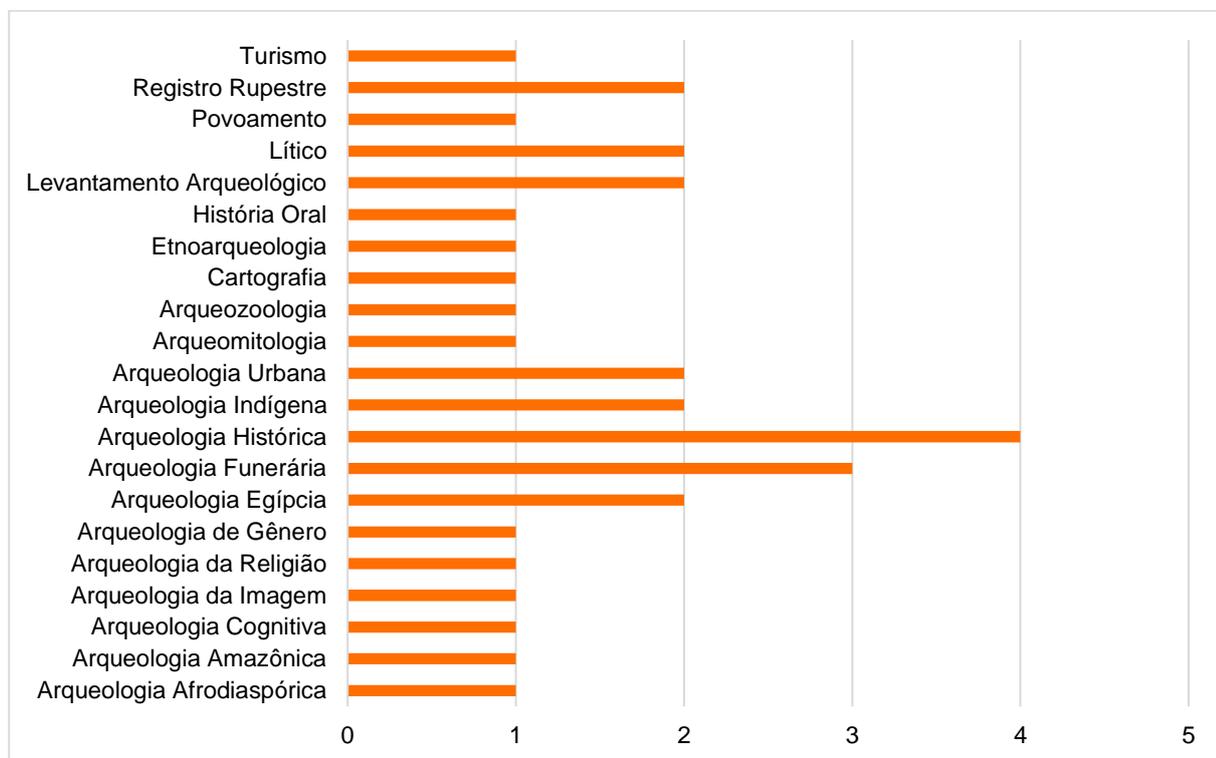
A Universidade Santo Amaro, também localizada em São Paulo, apresenta o primeiro curso de Arqueologia lato sensu do país, formado em 2004, e intitulado Arqueologia, História e Sociedade (UNISA, 2016). A coordenadora do curso – de quem foram obtidas as informações aqui descritas, via e-mail –, também é docente da graduação em História na mesma universidade, possui formação pela USP e não pesquisa nas temáticas sociais. O corpo docente é formado por 15 professores, todos com formação em Arqueologia e apenas duas professoras pesquisam temáticas sociais: Arqueologia Colaborativa, Etnoarqueologia e Comunidades Tradicionais.

Com relação às temáticas utilizadas nos trabalhos de conclusão de curso, a coordenadora apontou que os alunos da Unisa desenvolvem pesquisas para o TCC nas mais variadas áreas da Arqueologia, em diversos períodos da História e da Pré-História; com os mais variados materiais: Lítico, Cerâmico, Zooarqueológico, Arte Rupestre, Afrescos, Metais, Tijolos, Remanescentes Ósseos; com as mais variadas abordagens – da Arqueologia ligada ao Licenciamento Ambiental ao uso da cultura material como ferramenta didática em sala de aula; da aplicação de novas tecnologias para Reconstruções 3D Digitais à análise Geomorfológica de Paisagem Arqueológica, da Legislação de proteção ao patrimônio à análise da cadeia operatória na manufatura de objetos



Líticos, de Estudos Iconográficos a pesquisas sobre Gênero na Arqueologia, de projetos inovadores de Educação Patrimonial a estudos de Etnoarqueologia. Por meio dessa explanação se percebe que há duas temáticas nos trabalhos de conclusão de curso relativas às Arqueologias da Sociedade: Educação Patrimonial e Etnoarqueologia – as quais também estão inseridas na grade curricular, além de Antropologia. No site da biblioteca da Unisa foram identificados 32 trabalhos de final de curso, com 21 temáticas (Gráfico 06).

Gráfico 06: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da Unisa de 2012 a 2019.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

A partir do gráfico acima, se percebe que Arqueologia Histórica foi a temática mais empregada nos trabalhos de final de curso (quatro), seguida de Arqueologia Funerária (três), e Registro Rupestre, Lítico, Levantamento Arqueológico, Arqueologia Urbana, Indígena e Egípcia (dois). Além de Arqueologia Indígena, outras temáticas sociais que apareceram somente uma vez nos trabalhos acadêmicos foram Turismo, História Oral, Etnoarqueologia e Arqueologia Amazônica.

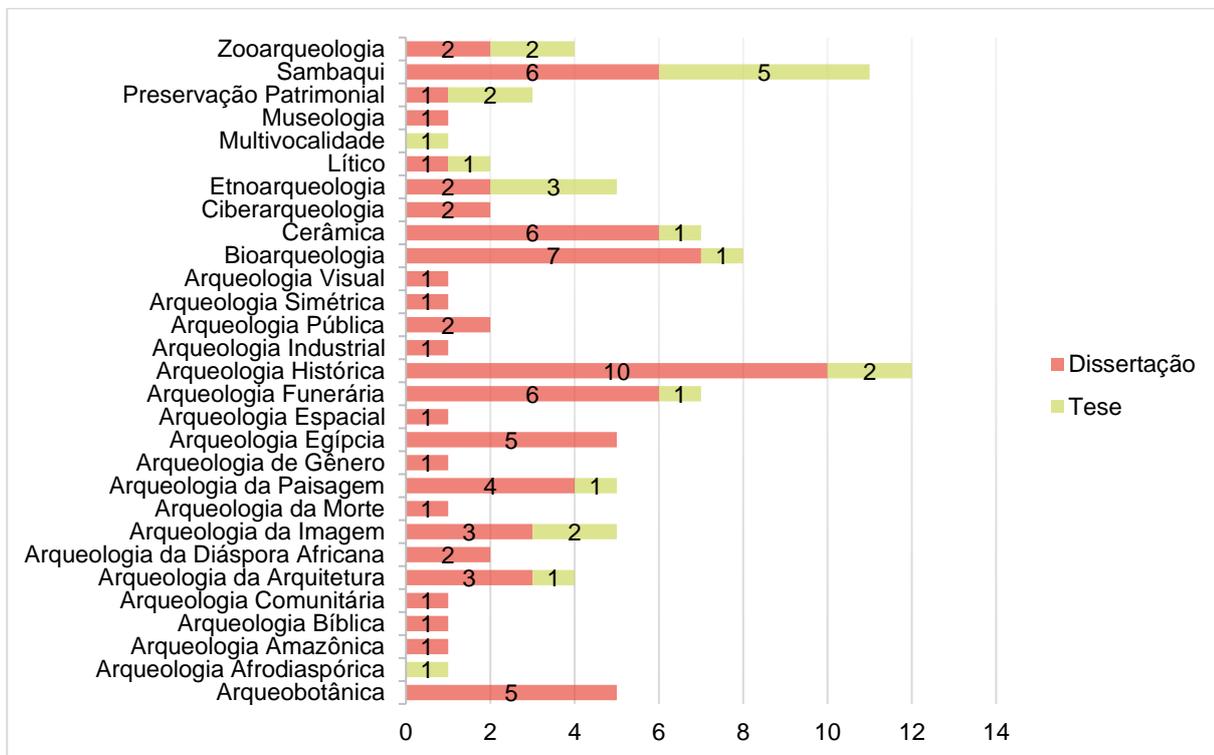


3.11. A UFRJ

A Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta a pós-graduação em Arqueologia com mestrado (2006) e doutorado (2011) vinculado ao Museu Nacional. As suas linhas de pesquisa são: Povoamento do Território Brasileiro; Estudos de Cultura Material; e Populações, Ambiente e Cultura (UFRJ, 2020).

Na análise do perfil do corpo docente identificou-se somente dois professores, no total de 12, com pesquisas na área das Arqueologias da Sociedade, mais especificamente em Arqueologia Amazônica, Pública e Grupos Indígenas. A maioria deles possui formação no extinto curso de graduação em Arqueologia da Universidade Estácio de Sá ou em outras universidades da região. Em relação à grade curricular, há uma disciplina obrigatório no mestrado voltada para a sociedade atual: Teoria Antropológica, e seis disciplinas eletivas no mestrado e no doutorado, são elas: Paisagem e Paleoetnobotânica; Cultura Material, Memória e Identidade; Estudos Dirigidos em Paleoetnobotânica; Estudos Dirigidos em Arqueologia Amazônica; Cultura Material, Patrimônio e Identidades Nacionais; e Relações Interétnicas e Identidade.

Gráfico 07: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da UFRJ de 2008 a 2020.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.



O gráfico acima mostra que as temáticas de Arqueologia Histórica e Sambaqui são as mais frequentes nos trabalhos acadêmicos (12 e 11, respectivamente), a segunda é pertinente a uma das linhas de pesquisa do programa do curso: Populações, Ambiente e Cultura. Do total de 101 publicações com 29 temáticas disponíveis nos repositórios digitais, somente dez remetem às Arqueologias da Sociedade: Etnoarqueologia (cinco), Arqueologia Pública (duas), e Arqueologia Amazônica, Comunitária e Multivocalidade (uma).

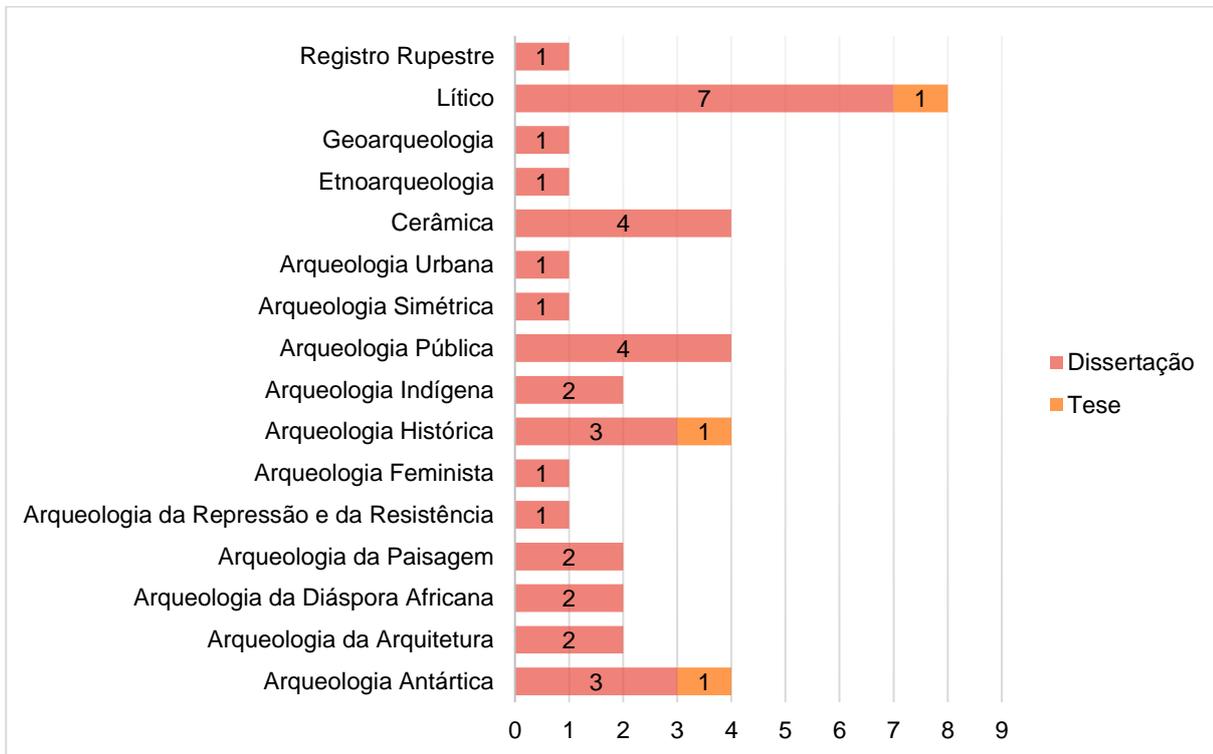
3.12. A UFMG

A Universidade Federal de Minas Gerais possui os programas de graduação e pós-graduação com mestrado e doutorado em Antropologia com habilitações em Antropologia Social e Arqueologia, os quais estão inseridos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e foram fundados em 2010, 2006 e 2014, respectivamente (UFMG, 2017). Na área de concentração em Arqueologia há uma linha de pesquisa dedicada às populações atuais, que é: Arqueologia do Mundo Moderno e Contemporâneo.

Na análise do perfil do corpo docente, composto por 24 professores, a grande maioria antropólogos, sendo oito arqueólogos, percebeu-se que muitos (11) possuem pesquisas relacionadas a grupos indígenas e comunidades tradicionais, com uso da Etnologia, Etnicidade, Identidade, História Indígena, Arqueologia Indígena, Amazônica e Etnoarqueologia – a qual aparece na grade curricular da graduação como obrigatória e na pós-graduação como eletiva. Na graduação há também a disciplina eletiva de Arqueologia Amazônica. As demais disciplinas com viés social são mais voltadas para a Antropologia, por isso, apenas nesta universidade, cujo curso é de Antropologia, essas não foram contabilizadas.



Gráfico 08: Temáticas dos trabalhos acadêmicos em Arqueologia da UFMG de 2008 a 2019.



Fonte: Gabriela Monteiro, 2020.

Durante a coleta de dados foram encontradas somente 39 publicações de final de curso (Gráfico 08) com 16 temáticas, dentre as quais três teses e nenhuma monografia da graduação disponibilizada nos repositórios digitais. O gráfico acima mostra que Lítico foi de longe a temática mais utilizada (oito), seguida de Cerâmica, Arqueologia Pública, Histórica e Antártica (quatro). Além de Arqueologia Pública, as outras temáticas sociais inseridas nesses trabalhos foram: Arqueologia Indígena (dois) e Etnoarqueologia (um).

3.13. A UERJ

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro apresenta desde 2014 o curso de graduação em Arqueologia, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UERJ, 2019). Em seu site não constam todas as informações necessárias para as análises aqui propostas. O seu corpo docente é formado por cinco professores, os quais possuem formação na própria região e três deles pesquisam em duas áreas das Arqueologias da Sociedade: História Indígena e Etnicidade.



Na grade curricular há cinco disciplinas obrigatórias relativas às sociedades atuais: Antropologia Cultural para Arqueologia; Sociedades Indígenas Americanas; Etnologia Brasileira; Etnoarqueologia; e Gestão de Patrimônio e Arqueologia Pública – a qual também aparece nas disciplinas eletivas como Tópicos Especiais em Gestão de Patrimônio e Arqueologia Pública I a V.

3.14. A Unimes

A Universidade Metropolitana de Santos, universidade privada, situada em São Paulo, possui desde 2015 a primeira graduação em Arqueologia do estado (UNIMES, 2020). Assim como na UERJ, em seu site não constam as informações completas sobre o curso. O corpo docente é formado por nove professores, quase todos formados pela USP, e três deles possuem pesquisas sobre Arqueologias da Sociedade: Fundamentos de Arqueologia e Etnografia, Turismo e Antropologia. Por fim, na grade curricular há quatro disciplinas que tratam de pesquisas arqueológicas com populações atuais: Introdução à Antropologia Cultural; Fundamentos de Arqueologia e Etnografia; Arqueologia e Culturas Indígenas; e Educação Patrimonial.

3.15. A Faculdade Souza

A Faculdade Souza está situada em Minas Gerais e possui a especialização em Arqueologia e Patrimônio no formato EAD (Educação a Distância). Poucas informações foram obtidas em seu site, apenas a composição de sua grade curricular, a qual apresenta disciplinas atípicas para o curso de Arqueologia, tais como: Comunicação e Marketing Pessoal, Didática do Ensino Superior, Relacionamentos Interpessoais, Políticas Educacionais e Formação Docente, e Educação Ambiental. Há também as disciplinas de Aspectos Socioantropológicos e Educação Patrimonial, vinculadas às Arqueologias da Sociedade (FACULDADE, 2020).

3.16. A Faveni

A Faculdade Venda Nova do Imigrante (Faveni) está localizada no Espírito Santo e também apresenta, em parceria com a Faculdade Futura (SP), a especialização em Arqueologia e Patrimônio na modalidade EAD, reconhecida em 2020 (FAVENI, 2020). Assim como na Faculdade Souza, nesta também há disciplinas diferentes das que normalmente os cursos de Arqueologia possuem: Comunicação e Marketing Pessoal, Didática e Metodologia do Ensino Superior e



Relacionamento Interpessoal e Ética Profissional. Em relação às temáticas sociais há uma disciplina denominada Patrimônio Arqueológico e a Sociedade.

DISCUSSÕES

Com base no universo apresentado acima: 16 universidades e faculdades do Nordeste e Sudeste do país, serão agora reunidas todas as informações, através da associação das variáveis (publicação, corpo docente, grade curricular e área de concentração dos cursos) para formular algumas constatações.

Podemos perceber que as especializações do Sudeste, por terem um caráter mais profissionalizante do que acadêmico, têm disciplinas mais voltadas ao mercado de trabalho em Arqueologia, ou seja, ao Licenciamento Ambiental. Contudo, deve-se levar em consideração que as informações disponíveis nos sites das especializações são mais reduzidas do que nos dos demais cursos. Além disso, algumas universidades e faculdades não continham todos os dados sobre o curso em seus sites e plataformas digitais.

No Sudeste há um predomínio da Arqueologia Histórica, com áreas específicas, como a Arqueologia Egípcia, Grega e Antártica. Desse modo, enquanto no Nordeste a temática Material mais utilizada nos trabalhos de final de curso foi Registro Rupestre, no Sudeste foi cerâmica, seguida de Arqueologia Histórica.

Com relação às temáticas sociais presentes nas publicações, no Nordeste o predomínio foi na História Oral, já no Sudeste foi na Arqueologia Amazônica, seguida da Etnoarqueologia. A Etnoarqueologia também se destacou no perfil dos docentes da USP, Unisa e UFMG, enquanto no corpo docente do Nordeste a predominante é a Educação Patrimonial. Na grade curricular, a temática que apareceu no maior número de disciplinas no Nordeste foi Turismo, enquanto no Sudeste foi a Educação Patrimonial.

Por fim, cinco universidades possuem linhas de pesquisa com viés social: a USP com a linha de Arqueologia e Sociedade; a UFMG com a linha Arqueologia do Mundo Moderno e Contemporâneo; o Mestrado da Univasf com a linha Arqueologia, Comunidades Tradicionais e Gestão do Patrimônio Cultural; a URCA com a própria especialização em Arqueologia Social Inclusiva; e a UFRB na área de concentração em Patrimônio Cultural com as linhas de Patrimônio cultural e identidades e Patrimônio Cultural e políticas públicas.

Desse modo, comparando os dados quantitativos das regiões, o Nordeste, sobretudo na graduação, tem apresentado uma maior preocupação com as temáticas sociais na Arqueologia do



que o Sudeste, e um arcabouço teórico voltado para essas temáticas mais diversificado. Isso pode ser explicado pelo contexto de criação dos cursos, pela formação dos docentes e pelas linhas de pesquisa dos cursos do Sudeste, que aparentam ser mais engessadas do que as do Nordeste. No Nordeste há os cursos mais recentes e que despertam para questões contemporâneas, em razão possivelmente, de uma demanda dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é importante destacar que para atingir os objetivos deste trabalho, o método utilizado objetivou classificar os trabalhos acadêmicos em apenas uma temática – a que tinha maior peso sobre o trabalho –, embora na maioria das publicações se utilize mais de uma abordagem ou corrente teórica da Arqueologia em razão do seu caráter interdisciplinar.

Nesse sentido, as temáticas materiais e sociais que foram definidas aqui podem estar presentes em um mesmo trabalho científico, mas costuma haver uma maior proporção de uma em relação à outra. Além disso, trabalhos aparentemente materiais podem ter importantes funções sociais no contexto em que eles são inseridos, ou mesmo alertar para essa importância.

Dessa forma, se percebe que é possível haver um diálogo entre essas duas faces da Arqueologia em um mesmo trabalho acadêmico, e a importância de discutir as diversas perspectivas sociais e materiais nas pesquisas arqueológicas.

Tendo em vista isso, apesar de em todas as universidades em que foi possível acessar os trabalhos acadêmicos, o quantitativo de temáticas relativas às Arqueologias Materiais ser bem maior, em alguns desses trabalhos é possível observar o intuito de incluir determinadas temáticas das Arqueologias da Sociedade, mas no geral o enfoque maior foi nas Arqueologias Materiais – em razão do histórico acadêmico e do aspecto colonialista que marcou e ainda marca a Arqueologia.

Enfim, entende-se que esse debate material x social, apesar de antigo, ainda é atual quando comparamos trabalhos, universidades e regiões do país. Contudo, é possível diluir essa rivalidade entre as abordagens através da compreensão das suas diferenças e limitações, e da crítica a esse conhecimento científico dicotômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Cristiana. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, supl. 3, p. 201-212, 07 nov. 1999.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.1999.113468>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/view/113468/111423>. Acesso em: 09 ago. 2019.

BEZERRA, Márcia. Bicho de Nove Cabeças: Os cursos de graduação e a formação de arqueólogos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 21, n. 2, 139-154, 30 dez. 2008. ISSN: 1982-1999. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v21i2.255>. Disponível em: <https://www.revista.sabnet.org/index.php/SAB/article/view/255>. Acesso em: 25 mai. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.653, de 18 de abril de 2018. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, nº 75, Seção 1, pág. 2, 19 abr. 2018. Disponível em: https://diariofiscal.com.br/ZpNbw3dk20XgIKXVGacL5NS8haloH5PqbJKZaawfaDwCm/legislacaofederal/lei.ordinaria/2018_13653.htm. Acesso em: 14 jun. 2021.

FACULDADE Souza. **Arqueologia e Patrimônio**. Ipatinga: Faculdade Souza. Disponível em: <https://fasouza.com.br/pos-graduacao-ead/pos-graduacao-em-arqueologia-e-patrim%C3%B4nio>. Acesso em: 11 out. 2020.

FAVENI. **Arqueologia e Patrimônio**. Venda Nova do Imigrante: Faculdade Venda Nova do Imigrante. Disponível em: <https://faveni.edu.br/cursos/pos-ead-em-arqueologia-e-patrimonio/>. Acesso em: 11 out. 2020.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003. ISBN: 85-7244-251-0.

GASPAR, M.; CAROMANO, C.; PEREIRA E.; BRANDÃO, K.; BELLETTI, J.; FREITAS, A.; PASSOS, L.; LIMA, M.; TAMANAHA, E.; CASCON, L.; BIANCHINI, G.; CABRAL, M.; WICHERS, C.; BEZERRA, M. Quem somos nós? Ou perfis da comunidade profissional arqueológica no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 146-178, jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v18i1.8104>. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/8104>. Acesso em: 21 dez. 2020.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, abr. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222011000100002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1>. Acesso em: 28 out. 2019.

LIMAVERDE, Rosiane. **Arqueologia Social Inclusiva**: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe, Nova Olinda, CE, Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

MARTÍNEZ, Victor M. **Teoría y método de la arqueología**. Madrid: Editorial Síntesis, 1989. ISBN: 84-7738-076-7.

MONTEIRO, G. de A. **Escavando Assimetrias na Arqueologia do Nordeste do Brasil**: a dicotomia material x social em destaque. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

REIS, José Alberione dos. Não pensa muito que dói – um palimpsesto sobre Teoria na Arqueologia Brasileira. **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 121-124, 30 dez. 2004.



ISSN: 1982-1999. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v17i1.198>. Disponível em: <https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/198>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SANTOS, V. M. dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, ePUB, 03 dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100242&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2020.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004. ISBN: 85-88023-57-1.

UERJ. **Sobre**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.arqueologia.uerj.br/#about>. Acesso em: 11 out. 2020.

UFMG. **Apresentação**. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/ppgan/apresentacao/>. Acesso em: 11 out. 2020.

UFPE. **Sobre o curso**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.ufpe.br/arqueologia-bacharelado-cfch>. Acesso em: 10 out. 2020.

UFPI. **Apresentação**. Teresina: SIGAA – Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da Universidade Federal do Piauí. Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=74257&lc=pt_BR. Acesso em: 26 nov. 2019.

UFRB. **Áreas de concentração e Linhas de pesquisa**. Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgap/estrutura-academica/2-conteudo/14-areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa>. Acesso em: 26 nov. 2019.

UFRJ. **Principal**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/ppgarq/>. Acesso em: 11 out. 2020.

UFRN cria especialização em Arqueologia do Nordeste. Natal: **Tribuna do Norte**, 14 mai. 2013. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/ufrn-cria-especializacao-em-arqueologia-do-nordeste/250214>. Acesso em: 19 set. 2020.

UFRN. **Apresentação**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 11 jan. 2016. Disponível em: https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?lc=pt_BR&id=95771235. Acesso em: 19 set. 2020.

UFS. **Apresentação**. Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/apresentacao.jsf?lc=pt_BR&id=709. Acesso em: 26. nov. 2019.

UNEB. **Sobre o curso**. Paulo Afonso: Universidade do Estado da Bahia. Disponível em: <https://portal.uneb.br/pauloafonso/cursos/arqueologia/>. Acesso em: 15 jun. 2021.



UNIMES. **Sobre.** Santos: Universidade Metropolitana de Santos. Disponível em: <https://portal.unimes.br/cursos/arqueologia/39/>. Acesso em: 11 out. 2020.

UNISA. **Arqueologia, História e Sociedade.** São Paulo: Universidade Santo Amaro, 2016. Disponível em: <http://www.unisa.br/CURSOS/Pos-Graduacao/Presencial/Especializacao/Ciencias-Humanas/Arqueologia%2C-Historia-e-Sociedade-752>. Acesso em: 11 out. 2020.

UNIVASF. **Áreas de pesquisa.** Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Vale do São Francisco, 8 set. 2019. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/pparque/pesquisa/areas-de-pesquisa>. Acesso em: 11 nov. 2019.

UNIVASF. **Sobre o curso.** Brasília: Ministério da Educação, Universidade Federal do Vale do São Francisco, 24 mai. 2017. Disponível em: <http://portais.univasf.edu.br/arqueologia/arqueologia/sobre-o-curso>. Acesso em: 11 nov. 2019.

USP. **Pesquisa.** São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://sites.usp.br/ppgarqmae/pesquisa/>. Acesso em: 11 out. 2020.